



LUTO: os aspectos psicológicos da criança na segunda infância em seu processo

Struggle: the child's psychological aspects in the second childhood in its process

Jhennifer Lima Figueira dos Santos¹, Luana Comito Muner²

RESUMO

Sabe-se que a morte é um evento que faz parte da vida do ser humano e o processo de enfrentamento é chamado de luto. Todas as pessoas passam por este processo, incluindo as crianças. O sujeito quando está na fase da infância, está construindo suas definições sobre tudo, cada experiência colabora para a construção do entendimento sobre o mundo ao seu redor. A definição de morte vai aos poucos ganhando forma com as experiências do dia-a-dia e os adultos participam ativamente na maneira em que a criança compreende a morte. Os pequenos são surpreendidos pelo acontecimento da morte e, geralmente, não entendem e não sabem lidar com ela. Assim, o luto na infância começa a ter suas características próprias, por se tratar de vivências em idades diferentes. O objetivo geral desta pesquisa foi compreender como é vivenciado o processo de luto e seus aspectos psicológicos na segunda infância. O estudo foi delineado a partir de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Cada um dos autores citados, contribuíram com suas definições e caracterizações do luto, permitindo que o tema fosse devidamente compreendido.

Palavras-chave: Luto infantil. Segunda infância. Aspectos psicológicos.

ABSTRACT

Knowing that death is an event which makes part of life from human being and the confrontation process called mourning. Everyone passes through this process, including children. The subject when are in the phase of childhood it is building their definitions about everything. Each experience collaborate to the construction of understanding about the world. The definition of death it will gradually gaining form with the experience from the daytime and adults participate actively in the way which children comprehend death. The children are surprised by the event and generally, they do not understand how to deal with it. Thus, the childhood mourning begins having their own characteristics, referring to experiences in different ages. The main goal of this research it was comprehending how is the experienced process of mourning and their psychological aspects in later childhood. The study it was outlined as of bibliographic and qualitative research. Each of cited authors contribute with their definitions and mourning characteristics, allowing that the theme was comprehended even.

Key-words: Child mourning. Later childhood. Psychological aspects.

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre a morte não é uma atividade fácil, cada perda carrega consigo seu significado, dor e sofrimento. Por mais que a morte seja um acontecimento inevitável, natural e real na vida de todos os sujeitos, enfrentá-la sempre é sofrido, pois cada pessoa perdida tem sua importância para o seu seio familiar e meio social. Diante da perda, o luto começa a ser elaborado, e assim, cada fase é vivenciada até a sua devida conclusão.

Cada pessoa vive o luto de maneira diferente, a subjetividade marca este processo. As comparações do luto entre uns e outros, são a origem de muitos julgamentos que muitas vezes potencializam o sofrimento da pessoa. O sujeito em seu momento de sofrimento, necessita de um sistema de apoio para ampará-lo e consolá-lo.

Alguns autores abordam a temática do luto, como por exemplo Freud, que definiu o luto como uma reação à perda de um ente querido (BOUTEILLER, 2017). Melanie Klein definiu como uma perda objetal, onde acontece uma reativação de experiências (OLIVEIRA, 2007). Segundo

¹ Graduanda de Psicologia da Faculdade Cathedral, Boa Vista-RR. E-mail: jhenniferlima17@gmail.com

² Docente do curso de Psicologia da Faculdade Cathedral, Doutoranda em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Graduada e Mestra em Psicologia pela Universidade São Francisco e psicóloga no Hospital Geral de Roraima. E-mail: luanamuner@gmail.com

Bowlby (1990), o luto vem acompanhado de uma quebra de conexão. Assim, sabe-se que a compreensão sobre o luto, depende da subjetividade, não há certo e errado.

Para outros autores, a definição do luto envolve também a sua divisão em fases que serão vivenciadas, tais como Barbosa (2010) que definiu três estágios de luto: choque e negação, desorganização e reorganização e recuperação emocional. Kübler-Ross (2011) definiu 5 estágios dentro desse processo: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Mentone (2007) divide o luto infantil em três fases: fase do protesto, fase do desespero e fase do desligamento.

No meio de todos os que perdem, estão as crianças, que muitas vezes são deixadas de lado pelos adultos. Os pequenos são considerados “sem entendimento” para tal fenômeno e assim, ficam sem suporte. É necessário que no momento de perda, o adulto próximo a criança conte sobre a realidade, sobre a pessoa que morreu.

A infância é uma fase de muitos aprendizados, cada experiência vai ajudar na formação de ideias e definições. Quando a conversa sobre a morte e perda é adiada, isso pode prejudicar no processo de luto quando a criança tiver que lidar com ela. A conversa, explicações e falar a verdade sobre o assunto, diminuirá a dificuldade da criança em absorver tudo o que está acontecendo.

Em cada idade a criança tem definições diferentes sobre a morte, é com o seu crescimento que ela vai assimilando melhor este fenômeno. De acordo com Anton e Favero (2011), crianças menores de 5 anos enxergam a morte com algo reversível, onde há uma possibilidade de retorno. Já a partir dos 8 anos, a criança já entende a irreversibilidade da morte, mas não a sua naturalidade, entendendo-a como uma punição. (KLEIN, 2017)

A criança que se encontra na segunda infância está desenvolvendo suas emoções, memória, linguagem etc. Piaget definiu a segunda infância como a fase pré-operacional. Martorell (2014) diz que a criança ao lembrar de acontecimentos se concentra em detalhes exatos e, ao mesmo tempo, deixa passar detalhes importantes como quando e onde.

Assim, sabe-se que a criança ao enfrentar a perda de uma pessoa querida, enfrenta muitos conflitos e se sente muito confusa. É importante ter a assistência de um adulto, que este converse sobre os fatos e auxilie a criança em seu momento de dor e sofrimento. A elaboração do luto na criança acontece por meio de esclarecimentos, conversas e apoio.

O presente artigo tem como tema: Luto na infância. Após leituras, delimitou-se em: Luto: os aspectos psicológicos da criança na segunda infância em seu processo. A pergunta investigatória que norteia o problema é: Quais são os aspectos psicológicos que caracterizam a criança na segunda infância em sua vivência de luto?

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como é vivenciado o processo de luto e seus aspectos psicológicos da segunda infância. Os objetivos específicos são: caracterizar o luto e suas fases; discorrer sobre o desenvolvimento cognitivo na segunda infância; investigar os aspectos psicológicos da criança em sua vivência de luto e relacionar as fases do luto e a segunda infância.

Este tema foi escolhido pela importância de se conhecer os processos que as crianças vivem em seu momento de perda. A infância é cheia de aprendizados e constantes mudanças e é indispensável que haja conversas e acompanhamento no acontecimento da morte. Esta pesquisa tem sua importância acadêmica, servindo como fonte de pesquisa e de ampliar conhecimentos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Dentro da literatura, vários autores definiram o luto e o desenvolvimento cognitivo na segunda infância e suas características. Assim, a compreensão sobre estes temas pode acontecer como um leque, ou seja, de várias maneiras. Revisando as definições e teorias, aqui serão aprofundados sobre cada assunto para melhor compreensão.

2.1 DEFINIÇÃO DE LUTO

Freud definiu o luto como uma reação á perda de alguém querido, à perda de algum objeto que ocupava o lugar de algo, pode-se citar os pais, a liberdade, o ideal de alguém e entre outros

(BOUTEILLER, 2017). O processo de luto se inicia com a perda definitiva e vai se desenvolvendo até o momento em que o sujeito consegue elaborá-lo (RONCATTO, 2019). Desde que o luto seja superado, para a psicanálise, não se trata de uma condição patológica, mesmo que este luto traga consigo mudanças para o estilo de quem o vivenciou. (RONCATTO, 2019)

Klein definiu o luto como uma perda objetal e, neste processo, há uma reativação de experiências obtidas no início do desenvolvimento psíquico. Na compreensão da autora, acontece o processo de reativação, que é chamado de “posição depressiva” arcaica. Assim, no luto não ocorre somente uma perda objetal, mas também simbólica (OLIVEIRA, 2007). No processo de luto da criança em sua relação com a posição depressiva, o seu objeto de amor é introjetado e instalado no seu mundo interior. (RONCATTO, 2019)

Segundo Bowlby (1990), o luto vem acompanhado de uma quebra de conexão, que o sujeito experimenta como abandono e martírio. Assim, podendo desenvolver ansiedade, isolamento, afastamento, separação e medo. O autor diz que a forma da criança processar luto está ligada a dois aspectos: os arquétipos de afinidade familiar e o entusiasmo e vigor desse entrelaçamento.

2.1.1 O luto como um processo

Barbosa (2010) define três fases do luto. A primeira fase é o choque e negação, é a descrença, a segunda fase é a desorganização, fase em que o sujeito sente desespero e reage com choro, tristeza, depressão, entre outros. A terceira fase é caracterizada pela possível reorganização e recuperação emocional, dando origem ao reestabelecimento.

Segundo Kübler-Ross (2011), há cinco estágios emocionais dentro do processo de luto. O primeiro estágio é a negação e isolamento, o indivíduo busca de todas as maneiras que o acontecimento é um engano e precisa de tempo para assimilar a realidade. O segundo estágio é a raiva, onde há uma mistura de raiva pelos planos terem sido interrompidos e mágoas pelo que se não viveu.

A barganha é o terceiro estágio, ela é caracterizada pela tentativa de adiar a morte como recompensa por ter um bom comportamento, ou seja, se fazem promessas de novas atitudes, mudanças de vida, arrependimentos com a esperança de se prolongar a vida. No quarto estágio, se encontra depressão, que pode ocorrer de duas formas: reativa, surge quando a morte de um familiar está próxima; e preparatória que acontece quando o sujeito percebe que perderá tudo, em breve. (KÜBLER-ROSS, 2011)

O último estágio é chamado de aceitação, aqui o sujeito está em uma fase de alto desgaste físico, onde parece mais fácil morrer do que viver. É um estágio onde o sujeito pode querer falar sobre o que está sentindo e, para isso, é necessário ter pessoas disponíveis e preparadas para fazer esta escuta. Kübler diz que sempre há uma esperança que não deve ser retirada com verdades cruéis faladas diretamente. (KÜBLER-ROSS, 2011)

2.2 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A COMPREENSÃO DA MORTE

A fase de 3 a 6 anos é decisivo no desenvolvimento psicossocial da criança. São nesse período que por meio das experiências, o desenvolvimento emocional e o senso de identidade se enraízam. Nesta segunda infância a compreensão e regulação das emoções acontecem. (MARTORELL, 2014)

Dennis (2006) diz que a capacidade das crianças de compreender, regular ou controlar seus sentimentos é um dos desenvolvimentos fundamentais da segunda infância. As crianças que têm a capacidade de compreender suas emoções, tem mais controle na maneira de mostrar essas emoções e são mais sensíveis aos sentimentos dos outros (ESTEP, 2001). A autorregulação emocional auxilia as crianças a administrar seu comportamento. (EISENBERG; FABES; SPINRAD, 2006)

Muitas crianças ficam confusas com seus sentimentos, isso se dá porque elas não entendem que é possível sentir várias reações emocionais inversas ao mesmo tempo. Ou seja, uma criança pode ter dificuldade em perceber que ela está tão animada quanto amedrontada por começar a uma

escola nova. Uma melhor compreensão das emoções vai ser adquirida na terceira infância. (MARTORELL, 2014)

Piaget definiu a segunda infância como a fase pré-operacional do desenvolvimento cognitivo, portando, as crianças não estão prontas para se envolverem em operações mentais lógicas. Essa fase é caracterizada por um grande desenvolvimento no uso do pensamento simbólico, ou capacidade representacional. Aqui acontecem os avanços no pensamento pré-operacional. (MARTORELL, 2014)

Uma das principais características do pensamento pré-operacional, segundo Piaget, é a *centração*. A *centração* é a tendência de se concentrar em um detalhe de uma situação e negligenciar outros, como notar altura de um copo de suco, mas não a sua largura. As crianças entre três e cinco anos não são capazes de *descentrar*, ou seja, concentrar-se em mais de um aspecto de uma situação ao mesmo tempo. (MARTORELL, 2014)

Existem duas formas de *centração*: *egocentrismo* e a *conservação*. O *egocentrismo* é a incapacidade de considerar o ponto de vista de outra pessoa. Para Piaget, crianças pequenas se centram tanto em seu próprio de vista que não entendem o de outra pessoa, assim, pode-se entender o motivo das crianças pequenas, às vezes, terem dificuldades de separar a realidade do que acontece em sua imaginação e porque elas demonstram tanta *confusão* sobre o que causa o quê. (MARTORELL, 2014)

A *conservação* é a incapacidade de compreender a *conservação*. Assim, a criança não compreende que o fato de duas coisas iguais permanecerem iguais mesmo que sua aparência seja alterada. A capacidade de conservar também é limitada pela *irreversibilidade*, que é definida como a incapacidade de compreender que uma operação ou ação pode ser desfeita. (MARTORELL, 2014)

Ao se lembrar de acontecimentos, as crianças pequenas tendem a *centrar-se* em detalhes exatos, ao mesmo tempo deixando passar detalhes importantes de uma situação. São detalhes como quando e onde um acontecimento ocorreu. Na medida que se aperfeiçoam a *atenção* e na rapidez e na eficiência do processamento de informações, suas memórias também se aprimoram e começam a criar memórias que duram mais tempo focadas na *essência* do que aconteceu. (MARTORELL, 2014)

Os teóricos do processamento de informações pensam na memória como um sistema de preenchimento que acontece em três passos: *codificação*, *armazenamento* e *recuperação*. (MARTORELL, 2014)

- a) *Codificação*: processo ao qual a informação é preparada para armazenamento a longo prazo e depois para a *recuperação*, é fixada um rótulo ou código a informação para que seja mais fácil encontrá-la quando for necessária;
- b) *Armazenamento*: é a *retenção* de informações para uso futuro, é guardar a informação;
- c) *Recuperação*: os processos pelos quais a informação é acessada no armazenamento da memória, acontece quando se necessita de uma informação.

Quaisquer dificuldades em um desses processos afetam a memória (MARTORELL, 2014). A maneira que o cérebro armazena informações é dada como universal, mesmo que a eficiência do sistema seja diferente de uma pessoa para outra (SIEGLER, 1998).

Alguns estudos apontam que crianças com idades menores de cinco anos, vêm a morte como algo transitório e reversível, semelhante ao estado de sono e separação (ANTON; FAVERO, 2011). Nestes casos, é muito importante deixar claro por meios de exemplos de vivência que a pessoa morreu (KLEIN, 2017). A decisão de mentir para a criança pode gerar sentimentos de raiva e frustração voltados para o adulto que o tentou enganar, além de desestabilizar a relação de confiança que possuía com este. (GAUDERER, 1987)

Entre os cinco e sete anos a capacidade de julgamento já está mais desenvolvida e já pode ser conversado com mais detalhes sobre a morte. A partir dos oito anos, a maioria das crianças já entendem a morte como algo irreversível, mas não natural, assim ela pode entender a morte como uma punição. Nestas situações, o adulto precisa reverter esta visão distorcida sobre a morte, de modo que tem a obrigação de diminuir a culpa e possível psicossomatização. (KLEIN, 2017)

Por volta dos nove anos, a morte já é compreendida como natural e não induzida por alguém, assim, a criança já tem a capacidade de participar das conversas com os adultos. Independentemente da idade da criança, é importante que haja conversas sobre a morte, optando sempre por uma linguagem que criança entenda e de maneira que ela possa compreender. (KLEIN, 2017)

A criança pode falhar em realizar o luto adequado e, assim, ter sintomas de depressão ou falta de capacidade para ter relacionamentos íntimos quando for adulto. Há muitas discussões que acontecem há muito tempo, sobre as crianças terem ou não capacidade de elaborar o luto (WORDEN, 2013). Wolfenstein (1966) diz que, até a formação da sua personalidade, as crianças não conseguem elaborar o luto; Furman (1974) afirma que as crianças já elaboram o luto com três anos de idade; Bowlby (1960) diminui a idade para seis meses.

2.3 O LUTO INFANTIL

O luto na infância quando não é patológico, é semelhante ao dos adultos. As suas características são parecidas, como as recordações e imagens da pessoa que morreu, que são resistentes, a saudade, tristeza, e são ainda mais persistentes quando a família se reúne. Outra característica semelhante seria a necessidade de conforto, tanto para a criança quanto para o adulto. (BOWLBY, 1997/1998 apud KLEIN, 2017)

Em situações de perdas ocasionadas por separação ou morte, geralmente os pais não sabem a melhor maneira de explicarem às crianças. Muitos não se atentam a grande capacidade que as crianças têm de perceber as coisas em sua volta, tanto nos aspectos físicos, como psicológicos (OLIVEIRA, 2001). Desde o começo a criança, mesmo que inconsciente, reconhece a morte, pois é um acontecimento que fará parte de toda a sua vida, sua dificuldade é nomeá-la e cabe aos adultos auxiliar nesta tarefa. (KLEIN, 2017)

É comum que se acredite que a criança não compreende a morte, com isto, supõe-se que trará danos a criança; assim, resulta no emudecimento sobre o assunto e surgimento de outros símbolos e desconversas sobre a morte (TORRES, 2002). O que leva a criança acreditar que a pessoa perdida irá retornar, está associado às fantasias de desenhos animados, que muitas vezes mostram o personagem falecido retornando, voltando a vida. Alguns pais reforçam esta ideia de retorno quando dizem que a pessoa morta está dormindo, descansando, que virou uma estrela ou está viajando, entre outras ideias. (CAVALCANTE; SAMCZUK; BONFIM, 2013)

A criança observa os acontecimentos a sua volta conforme a visão de seus tutores, no caso de morte, oscila em dois extremos: o caso de quem acredita em reencarnação e não na morte e o caso de quem vêem como o fim, irreversível (OLIVEIRA, 2001). A morte de um dos genitores é uma das experiências mais impactantes para uma criança, pois, com ela, a criança perde a ilusão da onipotência infantil em uma fase em que esta é a mais importante como fonte de segurança (FRANCO; MAZORRA, 2007). A morte dos pais representa a perda de um mundo ao qual a criança conhecia, em que seu genitor se afastava, mas voltava no fim do dia. (OLIVEIRA, 2001)

A criança tem uma grande capacidade de observação, quando adulto decide não falar, ele acredita que está protegendo a criança, como se esta proteção estivesse aliviando a dor e mudasse, de maneira mágica, a realidade. Porém, acontece que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar. Assim, a decisão de não falar sobre a morte resulta na apresentação de sintomas. (KOVÁCS, 1992)

Quando uma pessoa querida morre, geralmente os adultos usam as expressões “foi dormir”, “virou estrela”, “papai do céu levou”, porém, não percebem que estas falas fazem a criança

acreditar que essa pessoa irá retornar, fato este que não vai acontecer (KLEIN, 2017). Segundo Aberastury (1984), falar sobre as causas da morte para a criança com a intenção de enganar ou esconder, além de dificultar o processo de elaboração do luto, também complica todo o processo de compreensão da morte. Permitir que a criança fale sobre a perda, não irá aumentar a dor ou o sofrimento, mas irá auxiliá-la no seu processo de luto e trará alívio.

As crianças, por mais não que consigam entender o conceito de morte, elas sofrem pela perda de alguém próximo, como um adulto. No período escolar, as crianças podem se sentir responsáveis e culpadas pela morte que aconteceu na família e devem ser esclarecidas de que essa culpa não é real. Além disso, existe a probabilidade de os pequenos se calarem e recusarem falar sobre a morte, com a intenção de proteger os adultos, pois acham que, falar sobre, estão piorando o sofrimento dos adultos. (RAMOS, 2016)

A verdade quando é contada de maneira errada ou é ocultada, traz uma enorme confusão juntamente com uma sensação de desesperança, pelo motivo de não ter a quem buscar ajuda. Ou seja, quando adultos escolhem não falar verbalmente sobre a morte e suas causas, reforçam a primeira fase do luto, a negação; conseqüentemente, atrasam o primeiro passo para a elaboração do luto que é a aceitação de que a pessoa perdida não irá retornar. (KLEIN, 2017)

Kübler-Ross (2003) apud Ramos (2016) ressalta que a forma como as crianças reagem à morte do pai ou da mãe, depende da maneira de que foram criados até o momento desta morte. Se os pais mostram que não tem medo da morte, se não preservaram os filhos dos episódios de perda, como a morte de um bicho de estimação, provavelmente não terá problemas com a criança. É importante que as crianças vivenciem o acontecimento, podendo estar presente também no funeral.

Worden (2013) assume uma outra posição, a de que as crianças elaboram o luto e o que precisam é de um modelo que se ajuste a elas, sem impor a forma dos adultos. Uma parte importante do luto infantil é sua reação emocional à perda. São reações que surgem rapidamente e podem vir pelo entendimento realístico de morte; por mais que as crianças apresentem comportamentos parecidos com os adultos quando há o rompimento de vínculos, elas podem não ter o cognitivo desenvolvido o suficiente para compreender.

Após um estudo com 125 crianças enlutadas, Worden e Silverman identificaram várias necessidades. Ressaltam que os profissionais que estiverem acompanhando essas crianças, devem estar conscientes dessas necessidades e trabalhar intervenções específicas, com a intenção de supri-las (WORDEN, 2013):

- a) Crianças enlutadas precisam saber que serão cuidadas – as crianças têm uma pergunta latente em suas cabeças “*Quem cuidará de mim?*” e elas podem verbalizar ou não. É importante para a criança saber que estarão seguras e cuidadas, mesmo que este questionamento não surja de forma direta;
- b) Crianças enlutadas precisam estar conscientes de que sua raiva ou suas deficiências não foram a causa da morte – as crianças se perguntam “*Será que eu fui a causa do que aconteceu?*”. Desde cedo aprende-se que sentimentos fortes podem ferir outras pessoas e, falar sobre a pessoa que morreu, pode mostrar este tipo de culpa. A idade de quatro a cinco anos é o mais vulnerável a este tipo pensamento, pois acreditam em magia e que possuem poderes e fazem as coisas acontecerem;
- c) Crianças enlutadas precisam ser informadas claramente sobre a morte – “*Isso acontecerá comigo?*” é a pergunta que vem na mente de muitas crianças e é importantíssimo explicar sobre a causa e as circunstâncias da morte. As crianças precisam ser informadas em uma linguagem apropriada a sua idade, para que não inventem histórias mais assustadoras ou bizarras da história real;
- d) Crianças enlutadas precisam ter o sentimento de importância e de envolvimento – envolver as crianças nas decisões do funeral, no funeral ou

na cerimônia pode trazer muitos benefícios. Crianças que nunca participaram de funerais precisam receber esclarecimentos sobre o que vai acontecer na cerimônia e o que elas podem presenciar. O envolvimento das crianças nestas decisões e nas atividades de visitas ao cemitério, podem contribuir a se sentirem incluídas;

- e) Crianças enlutadas precisam de uma rotina contínua – no estudo realizado, crianças que tinham uma rotina o mais estável possível eram aquelas que estavam se saindo melhor. Os adultos que estão de luto não entendem o motivo das crianças quererem brincar quando toda a família está sofrendo, eles precisam ser conscientizados de que a maneira de enfrentamento das crianças são as atividades lúdicas;
- f) Crianças enlutadas precisam de uma pessoa que escute seus questionamentos – é comum que a criança enlutada fique repetidamente fazendo a mesma pergunta, o que muitas vezes é frustrante para os adultos. As crianças podem querer reafirmar a resposta do adulto quando estão lidando com seus sentimentos;
- g) Crianças enlutadas tem a necessidade de ter maneiras de se lembrar da pessoa que morreu – umas das maneiras mais eficientes é fazer um livro de memórias para as crianças colocarem seus desenhos, histórias, fotos etc., que possam recordar a pessoa morta e os acontecimentos que a criança teve com essa pessoa;

É importante que profissional de saúde mental esteja ciente de várias coisas ao lidar com crianças que tiveram uma perda. (WORDEN, 2013)

- a) As crianças elaboram o luto, porém há diferenças em seu processo que são determinadas pelo seu desenvolvimento cognitivo e emocional;
- b) A morte é um trauma para a criança, mas não impede, necessariamente por si só, o desenvolvimento;
- c) Crianças com idade entre cinco e sete anos são, particularmente, um público mais vulnerável. Seu cognitivo já se desenvolveu o suficiente para compreender algumas coisas permanentes sobre a morte, mas a sua capacidade de enfrentamento ainda é pouca, ou seja, as habilidades do ego e sociais não estão desenvolvidas o suficiente para lhe tornar capaz e defendê-la sozinha;
- d) É importante estar consciente de que a finalização do luto da criança não é da mesma forma que um adulto. O luto que é vivido na infância, pode ser revivido em muitos momentos quando adulto, eventos importantes podem ser gatilhos para as lembranças.

As tarefas do luto que são desenvolvidas com os adultos, podem ser aplicadas as crianças. Porém, é necessário que essas tarefas sejam modificadas e ajustadas ao desenvolvimento cognitivo, pessoal e emocional da criança. É indispensável que o profissional de saúde mental tenha abordagens de prevenção a saúde mental para as crianças que estão enlutadas. (WORDEN, 2013)

3 MÉTODO

Para se atingir os objetivos deste estudo foi realizada uma pesquisa do tipo bibliográfica básica, uma vez que não teve por finalidade a resolução imediata de um problema. A vantagem em adotar esta modalidade de pesquisa consiste na possibilidade de uma maior cobertura espacial do fenômeno a ser investigado. (GIL, 2008). Preliminarmente, para compor o Referencial Teórico foi realizada uma ampla pesquisa em títulos de referência na Biblioteca da Faculdade Cathedral acerca do tema “Luto: Os aspectos psicológicos da criança na segunda infância em seu processo”. As

palavras-chave desta pesquisa: luto infantil, segunda infância e aspectos psicológicos, serviram como critério de inclusão. As demais foram descartadas da seleção do estudo.

Após a delimitação do estudo, uma busca aprofundada foi realizada acerca do tema. O objeto de pesquisa deste estudo foi composto por artigos científicos que foram publicados na base de dados PEPSIC, Scielo e BVS-PSI. O critério de inclusão contemplou os artigos científicos correlatos à questão norteadora deste estudo que é: Quais são os aspectos psicológicos que caracterizam a criança na segunda infância em sua vivência de luto? Diante disto, todos os demais casos foram excluídos do estudo.

O método de coleta de dados foi o de levantamento direto no acervo das bibliotecas e sites acima especificados. A natureza da pesquisa é qualitativa. O método de abordagem utilizado foi o dedutivo, pois a proposta do estudo concerne melhor clarear o fenômeno de forma a partir do geral para o específico. (LAKATOS; MARCONI, 2003). Os métodos de procedimentos adotados para o tratamento dos dados coletados foram qualitativos e comparativos.

4 DISCUSSÃO

Com base na análise realizada por meio da pesquisa bibliográfica, conseguiu-se realizar a percepção de ideias e posicionamento dos autores. Serão apresentados as correlações, discordâncias e posição dos autores sobre o tema proposto.

Quanto a definição de luto, Bouteiller (2017) apresentou a definição de Freud, o conceito para Melanie Klein foi discutido por Oliveira (2007) e foi apresentado o conceito de Bowlby (1990). Diante das definições de luto apresentadas, se pode perceber que há uma correlação entre os autores, eles apresentam o luto em diferentes óticas, mas seguindo uma mesma linha de entendimento, concordam que o luto é uma reação a algo que deixou de existir. O consenso entre os teóricos sobre o luto é a sua complexidade, haja vista que a maneira com que ele vai ser sentido e expressado depende de inúmeros fatores pessoais.

Ainda se tratando do luto, diversos autores consideram as suas vivências por meio de fases, como Barbosa (2010) que definiu o luto em três fases: choque e negação; desorganização e reorganização; e recuperação emocional; e Kübler-Ross (2011), caracterizou o luto em cinco estágios: negação e isolamento; raiva; barganha; depressão e aceitação. Há ainda diversos outros modelos que dividem esse momento para melhor compreensão, como por exemplo Worden (2013) que aponta a vivência do luto como tarefas a serem superadas.

Quando se olha para a caracterização do luto definida pelos autores Barbosa (2010) e Kübler-Ross (2011), percebe-se que assemelham parcialmente; ambos citam a negação como fase inicial do processo de luto. Quanto ao restante do processo, seguem percepções diferentes, levando ao fim da elaboração em recuperação e aceitação, que tem suas descrições semelhantes. Porém, deve-se levar em consideração que ambas as teorias foram construídas em relação a observação de adultos, a de Kübler-Ross (2011) ainda mais especificamente para o contexto da oncologia, em relação aos estágios do morrer, mas, por muitas vezes é utilizada nas reações e vivências pós-morte.

A vivência das fases do luto também é observada no contexto infantil, Mentone (2007), baseado em Bowlby, dividiu o luto infantil em três etapas: fase do protesto, fase do desespero e fase do desligamento. Worden (2013) também faz o destaque que a sua teoria das tarefas do luto também pode ser observada nas crianças, porém, considerando as peculiaridades delas. Os autores mostram que o luto infantil vem acompanhado de características próprias, por mais que seja semelhante ao luto adulto, o infantil requer uma atenção especial, permitindo que a criança o processe e se sinta acolhida.

Nesse sentido, observar e compreender as fases do desenvolvimento infantil é essencial para determinar como falar com a criança e quais ferramentas serão úteis para que ela possa ser acolhida e vivenciar o luto normal. Assim, autores como Denis (2006), Eisenberg, Fabes e Spinrad (2006), Estep (2001), Martorell (2014) e Siegler (1998) abordam as etapas de desenvolvimento infantil, que estão envolvidas com a sua lógica e compreensão, e, complementarmente Anton e Favero (2011),

Bowlby (1960), Furman (1974), Klein (2017) e Wolfentein (1966) apresentam as ideias que correlacionam, ou seja, o luto para a criança vai ser compreendido e processado de acordo com sua idade e entendimento e, para ajudá-la neste processo, a conversa com um adulto de confiança é muito importante.

Worden (2013) diz que as crianças elaboram o luto e o que precisam é de um modelo que se ajuste a elas, sem impor o luto dos adultos. Percebe-se que há uma discordância total entre os autores sobre as crianças serem ou não capazes de elaborar o luto, porém, o importante é que desde o momento em que a criança sofre uma perda, independente da sua capacidade, ela tenha um sistema de apoio que a escute e a ajude a lidar com seus conflitos internos.

Klein (2017), diz que desde o começo a criança, mesmo que inconsciente, reconhece a morte e sua dificuldade é dar um nome ao acontecimento e precisa de um adulto para ajudá-la neste momento. Oliveira (2001), se atenta em dizer que, geralmente, os pais não percebem a grande capacidade que as crianças têm de perceber as coisas ao seu redor, como aspectos físicos e psicológicos. Tanto Klein (2017) quanto Oliveira (2001) destacam a importância de os adultos estarem próximos a criança no seu processo de luto. As crianças percebem as coisas ao seu redor, reconhecem a morte e precisam de um sistema de apoio que a ajudem a entender e processar este fenômeno. Os autores concordam que as crianças percebem a morte, porém, não compreendem e não conseguem nomear e nem gerenciar todos os sentimentos que experimentam no momento de perda.

Ramos (2016) ressalta que a maneira como as crianças reagem à morte, depende da maneira em que foram criados até o momento desta morte. Comenta que se os pais mostram que não tem medo da morte, se não preservaram os filhos dos episódios de perda, possivelmente não terão problemas com esta criança. Pode-se perceber que o autor mostra que é necessário que os pais ensinem sobre a morte, perda e separação, ou seja, não poupem as crianças de terem essas experiências em algum momento. Isso terá um grande reflexo quando a criança estiver passando pelo processo de luto.

Worden (2013) aponta necessidades importantes que as crianças têm quando estão de luto, esse processo de enfrentamento infantil é carregado de muitas emoções que oscilam constantemente. Vale aqui ressaltar a importância de os adultos estarem conscientes sobre as variadas sensações e sentimentos que as crianças estão lidando neste momento de perda. Também cita pontos importantes que um profissional de saúde mental precisa saber ao trabalhar com uma criança que está em um processo de luto. Entende-se que o autor vê a importância de o profissional de saúde estar atento a subjetividade de cada fase da infância, do processo de luto e das condições emocionais que, a criança enlutada, tem para elaborar o luto. Quanto as técnicas, precisam ser feitas modificações para trabalhar com as crianças. É importante ter um olhar mais atento para conseguir compreender quais são as maneiras que a criança entende, processa e lida com a morte.

Em um contexto mais específico, para Franco e Mazorra (2007), a morte de um dos genitores é umas experiências mais impactantes para a criança, pois ela perde a sua fonte de segurança. Oliveira (2001), complementa que a morte dos pais significa a perda de um mundo ao qual a criança conhecia, seu genitor se afastava, mas no fim do dia, retornava. Os dois autores apresentam a ideia de que os pais são as figuras de confiança e segurança dos filhos, concordam que esta perda representa uma perda muito significativa para a criança, onde elas se sentem confusas e perdidas.

Diante de todo o exposto, foi possível compreender um olhar de cada autor sobre o tema. Cada indivíduo tem sua particularidade de enfrentar o seu luto, podendo ser intenso e prolongado. O luto é um processo que leva tempo e que traz consigo muitos significados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, teve como objetivo geral, compreender a vivência da criança em seu processo de luto. Além de todas as teorias do luto, buscou-se entender sobre as maneiras que as crianças

enfrentam e assimilam o acontecimento da morte. Desta forma, foi possível analisar os dados sobre a elaboração do luto e seus aspectos na segunda infância. Após todas as leituras, pode-se chegar à conclusão de que as crianças elaboram seu luto de forma diferente dos adultos. A compreensão sobre a morte, dependendo da idade, ainda não foi construída e isto desencadeia dúvidas e confusão para a criança. Conversar abertamente, falar a verdade sobre o acontecido, são iniciativas que podem ajudar a criança a assimilar e elaborar seu luto.

Quando se ouve que alguém morreu, pensa-se em todas as pessoas queridas que este deixou, principalmente nas crianças. A perda de um genitor, de algum familiar importante da criança, tem grandes impactos em seu desenvolvimento, pois a família é a fonte de segurança e proteção da criança. Neste caso, os adultos próximos da criança, precisam se aproximar e auxiliar a criança, para que esta comece a processar sobre a morte. Todos os autores citados, trouxeram seus conceitos de luto e perda, podendo constatar onde concordavam, discordavam e complementavam suas ideias. Cada um definiu o luto segundo a sua visão, ou seja, de acordo com a compreensão própria de morte. Desta forma, pode-se ver os diversos parâmetros e detalhes que o assunto envolve.

Os objetivos e hipóteses pressupostos foram contemplados. Concluiu-se que a infância tem suas próprias características, assim como, todas as experiências vivenciadas nela. Assim como os adultos, o luto na infância também é subjetivo, cada um vive de maneira diferente. O luto ainda é um tema que pode continuar sendo estudado, pois cada autor tem suas vertentes e assim, pode-se trazer outras interpretações que auxiliem na compreensão deste processo.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **A percepção da morte na criança e outros escritos**. Porto Alegre: Artmed. 1984.
- ANTON, M. FAVERO, E. Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros. **Rev. Interação Psicol.**, ano 15, n. 1, p. 101-110, 2011.
- BARBOSA, A. Processo de Luto. In: A. BARBOSA; I. NETO (Eds.). **Manual de Cuidados Paliativos**. 2. ed. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa. p. 111-125.
- BOUTEILLER, B. Luto e melancolia – variações com o texto de Freud. **Rev. Reverso**, ano 39, n. 73, p. 35-44, 2017.
- BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1990.
- BOWLBY, J. Grief and mourning in infancy and early childhood. **Psychoanalytic Study of the Child**, v. 15, p. 9-52. 1960.
- CAVALCANTI, A.; SAMCZUK, M.; BONFIM, T. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Rev. Psicólogo Informação**, ano 17, n. 17, p. 87-107, 2013.
- DENNIS, T. Emotional self-regulation in preschoolers: The interplay of child approach reactivity, parenting, and control capacities. **Developmental Psychology**, 42, p. 84-97. 2006.
- EISENBERG, N.; FABES, R. A.; SPINRAD, T. L. Prosocial development. In: W. DAMON; R. M. LERNER (Series Eds.); EISENBERG, N. (Vol. Ed.). **Handbook of child psychology: Social, emotional and personality development**, Vol. 3. NJ: Wiley Hoboken, 2006. p. 646-718.
- FRANCO, M. MAZORRA, L. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia**, ano 24, n 4, p. 503-511, 2007.

FURMAN, E. **A child's parent dies: Studies in childhood bereavement.** New Haven, CT: Yale University Press. 1974.

GARNER, P. W.; ESTEP, K. M. Emotional competence, emotional socialization, and young children's peer-related social competence. **Early Education e Desenvolvimento**, v. 12, 518-524. 2001.

GAUDERER, C. **A criança, a morte e o luto.** Jornal de Pediatria, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008

KLEIN, K. **A importância dos contos de fadas na elaboração do luto infantil.** Trabalho de Conclusão (Graduação em Psicologia), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. Santa Rosa, 2017.

KOVÁCS, M. **Morte no Processo de Desenvolvimento Humano: a criança e o Adolescente Diante da Morte.** Morte e desenvolvimento humano, v. 4, 1992.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LAKATOS, E., MARCONI, M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTORELL, G. **O desenvolvimento da criança: do nascimento à adolescência.** 1. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

MENTONE, Flavia C. **A psicose desencadeada por um luto infantil mal elaborado.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, M. Melanie Klein e as fantasias inconscientes. **Rev. Winnicott**, série 2, v. 2, p. 81-98. 2007.

OLIVEIRA, T. **O psicanalista diante da morte: intervenção psicoterapêutica na preparação para a morte e elaboração do luto.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2001.

RAMOS, V. **O processo de luto.** Rev. Psicologia- Portal do Psicólogo [online], 2016. Disponível em <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf> Acesso em 19 out. 2020.

RONCATTO, R. **Luto Infantil.** Universidade de Caxias do Sul, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia), Caxias do Sul, 2019.

SIEGLER. R. S. **children's thinking.** 3. ed. NJ: Prentice Hall. 1998.

TORRES, W. **A criança diante da morte.** Editora: Casa do Psicólogo. 2002.

WOLFENSTEIN, M. How is mourning possible? **Psychoanalytic Study of the Child**, v. 21, p. 93-123. 1966.

WORDEN, J. **Aconselhamento do luto e terapia do luto.** 4 ed. São Paulo: Roca, 2013.

Recebido em: 14/10/2020

Aceito em: 02/11/2020

Publicado em: 01/12/2020

Santos JLF, Muner LC. Luto: os aspectos psicológicos da criança na segunda infância em seu processo.